

Situação Económica em Moçambique: reavaliação da evidência com foco na dinâmica da produção industrial

por
Carlos Nuno Castel-Branco¹

A análise oficial da situação económica em Moçambique é geralmente focada em três aspectos: crescimento, estabilidade e investimento privado. Dados oficiais indicam que a economia está a crescer e a estabilizar, e o investimento privado está a aumentar apesar das políticas monetárias e fiscais deflacionárias. Na essência, a análise oficial sustenta que a economia Moçambicana está a implementar, com êxito, o modelo de “estabilização com crescimento e alívio da pobreza”.

Esta intervenção tem em vista revisitar a análise oficial mencionada e, usando os dados oficiais, questionar a natureza e tipo de crescimento, estabilidade e investimento que ocorrem em Moçambique. Esta parte também aponta para algumas direcções estratégicas possíveis para resolver os problemas identificados.

CRESCIMENTO

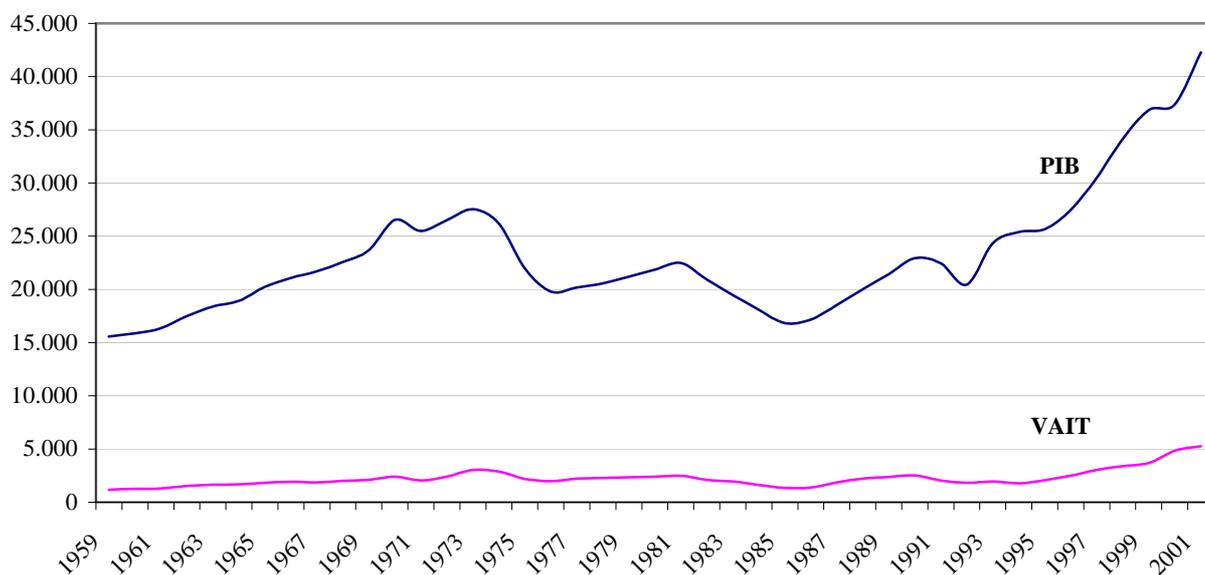
Os gráficos 1 e 2 (em baixo) mostram claramente que tanto o PIB como a indústria transformadora estão a crescer a ritmos relativamente altos. Estes gráficos também indicam que este crescimento tem sido instável ao longo das últimas quatro décadas. Esta instabilidade é geralmente atribuída a factores conjunturais (guerra, calamidades naturais, preços do petróleo, etc.) mas, como será discutido mais adiante, ela é essencialmente causada pela própria estrutura e dinâmica de desenvolvimento da economia moçambicana.

Peso do VAIT no PIB

Além de ilustrarem crescimento, os gráficos 1, 2 e 3 começam já a apontar para alguns problemas da estrutura e dinâmica económicas em Moçambique. Primeiro, a economia não está a industrializar, o que pode ser demonstrado pelo facto de o peso do valor acrescentado da indústria transformadora (VAIT) no PIB ter mudado muito pouco nas últimas quatro décadas. Segundo, mais grave ainda é que o crescimento industrial mostra sinais muito fortes de desaceleração e tendência para estagnação, se o efeito do mega projecto Mozal for eliminado da equação (gráficos 2 e 3). O gráfico 3, por exemplo, mostra claramente que se o efeito Mozal for excluído, o peso do VAIT no PIB em 2001 fica idêntico ao de 1971 e 1961.

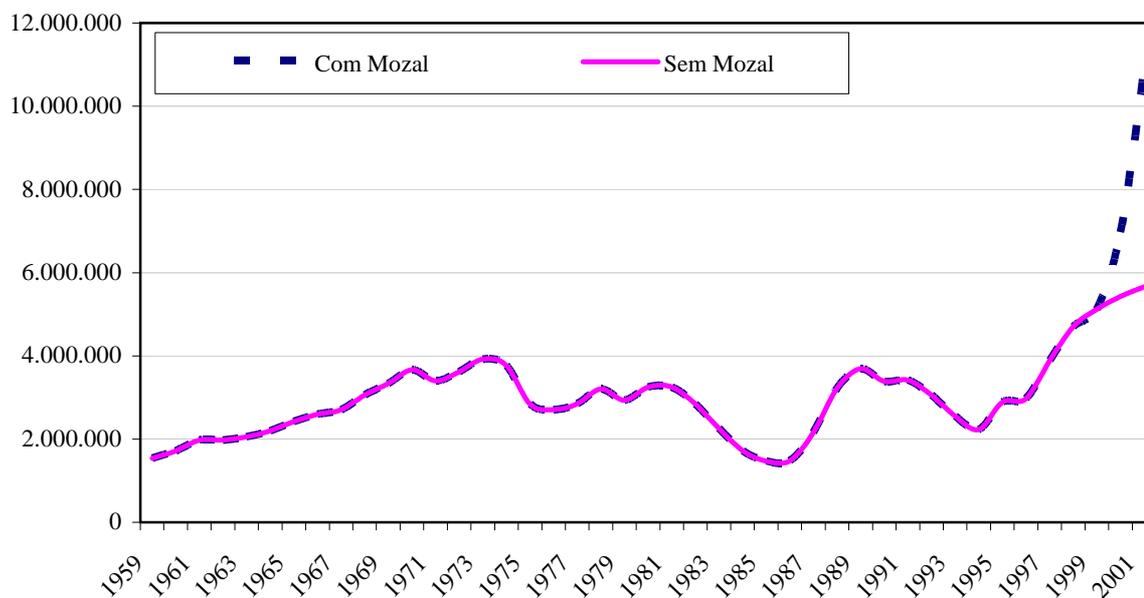
¹ Prof. Doutor na Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane em Maputo.
cn.castelbranco@tvcabo.co.mz. Comunicação preparada para a VII Conferência Annual do Sector Privado (CASP), que teve lugar a 05 de Março de 2003, em Maputo.

Gráfico 1: Moçambique - Tendências do PIB e do VAIT
('000 de contos a preços constantes 1996 = 100)



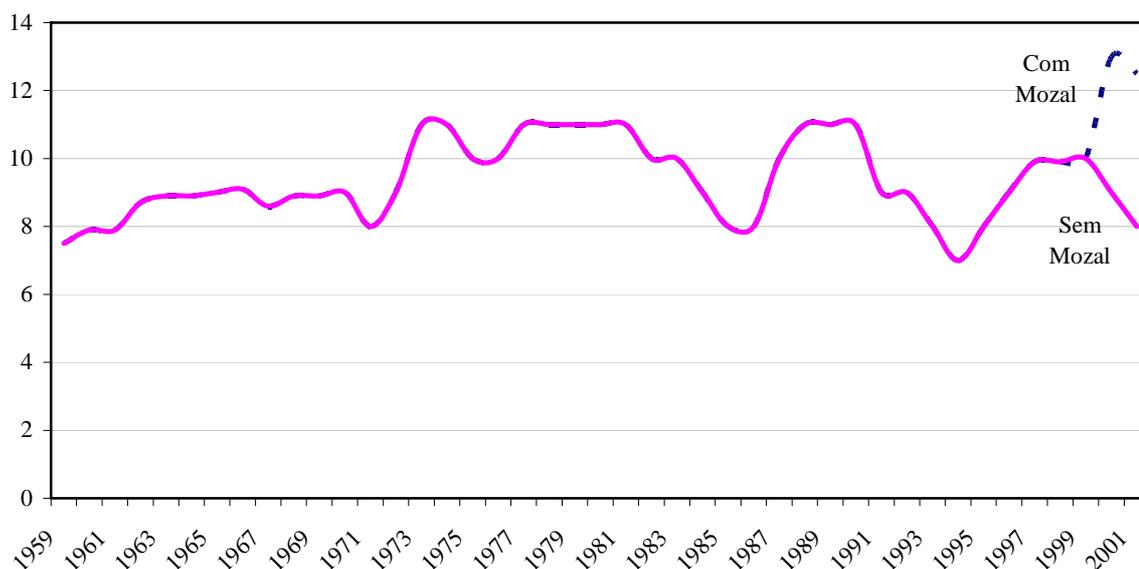
Fonte: Castel-Branco 2002a; INE vários números.

Gráfico 2: Moçambique: Produção da indústria transformadora, com e sem Mozal
(em '000 contos a preços constantes de 1998)



Fonte: Castel-Branco 2002a; INE vários números.

Gráfico 3: Moçambique: Proporção do VAIT no PIB, incluindo e excluindo a Mozal (em %)



Fonte: Castel-Branco 2002a; INE vários números.

Há teorias que sustentam que este factor (peso do VAIT no PIB) é irrelevante, particularmente na era da indústria de tecnologia de informação (IT). Em regra, estes argumentos são apenas baseados em afirmações, e não é nada claro, nem teórica nem empiricamente, por que é que a IT elimina a importância de industrializar a economia. Além disso, estes argumentos não analisam o simples facto empírico (e também teórico) que a industrialização criou a IT e a existência de uma forte base empresarial, tecnológica e social é determinante para desenvolver e assimilar a chamada “nova revolução industrial”. Essa base empresarial, tecnológica e social é fornecida pela industrialização. Não é por acaso que são as economias mais industrializadas que criaram e mais progrediram no que respeita à IT.

Outros argumentos e teorias afirmam que nas economias desenvolvidas o peso do VAIT no PIB está a diminuir rapidamente, pelo que se o mesmo acontece em Moçambique é sinal de desenvolvimento. O que estes argumentos não tomam em conta é que a industrialização foi o processo pelo qual essas outras economias ficaram desenvolvidas; que a redução do peso do VAIT no PIB dessas economias é sobretudo um efeito dos enormes ganhos de produtividade que se verificam na indústria; e que a indústria continua a ser a base de sustentação das balanças de pagamento, dos ganhos de produtividade e do progresso tecnológico da maioria dessas economias chamadas desenvolvidas.

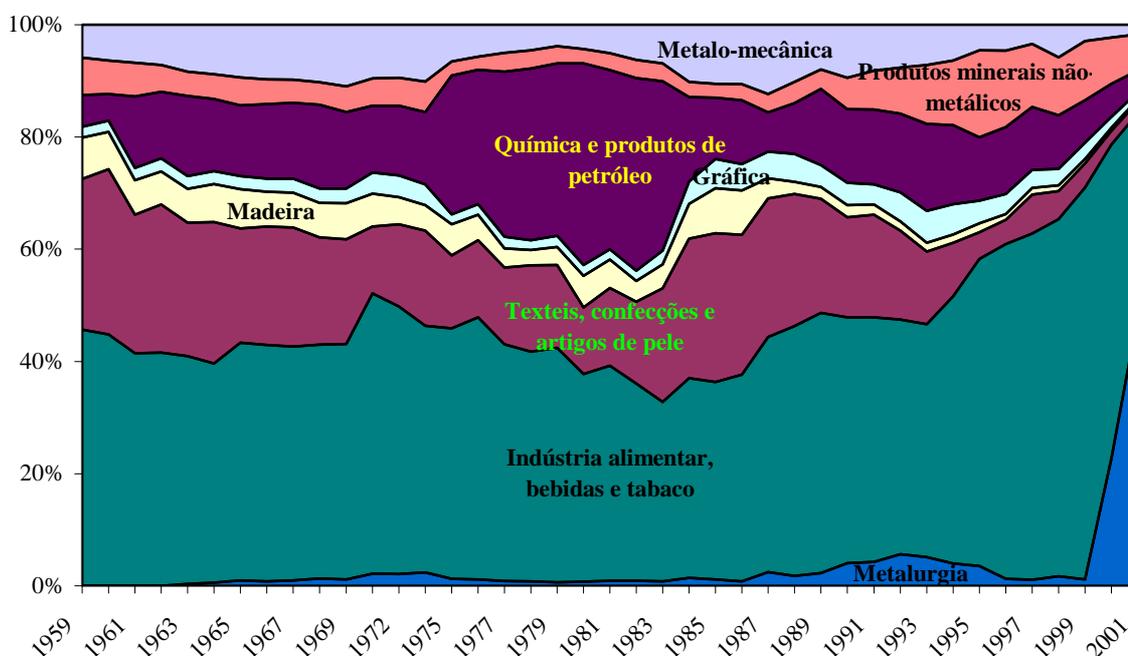
Portanto, o facto de que a economia de Moçambique não está a industrializar é indicativo de um problema de dinâmicas e estruturas estagnadas, em vez de ser indicativo de “novos tempos” e “novas tendências”.

Concentração

Os gráficos 2 e 3 já indicavam a hipótese de se estar a verificar um processo de excessiva concentração e deficiente diversificação do tecido industrial. Esta hipótese é levantada por causa do efeito dos mega projectos nas tendências de crescimento. O gráfico 4 (sobre a estrutura da produção da indústria transformadora) mostra esse nível de concentração a um nível ainda agregado. Primeiro, a Mozal e a indústria alimentar e de tabacos representam mais de 80% do produto industrial. As indústrias de tecnologia, engenharia, criadoras de capacidade tecnológica e promotoras de ligações dinâmicas – metalo-mecânica e química – representam apenas cerca de 7% do produto da indústria e esta proporção está a diminuir rapidamente.

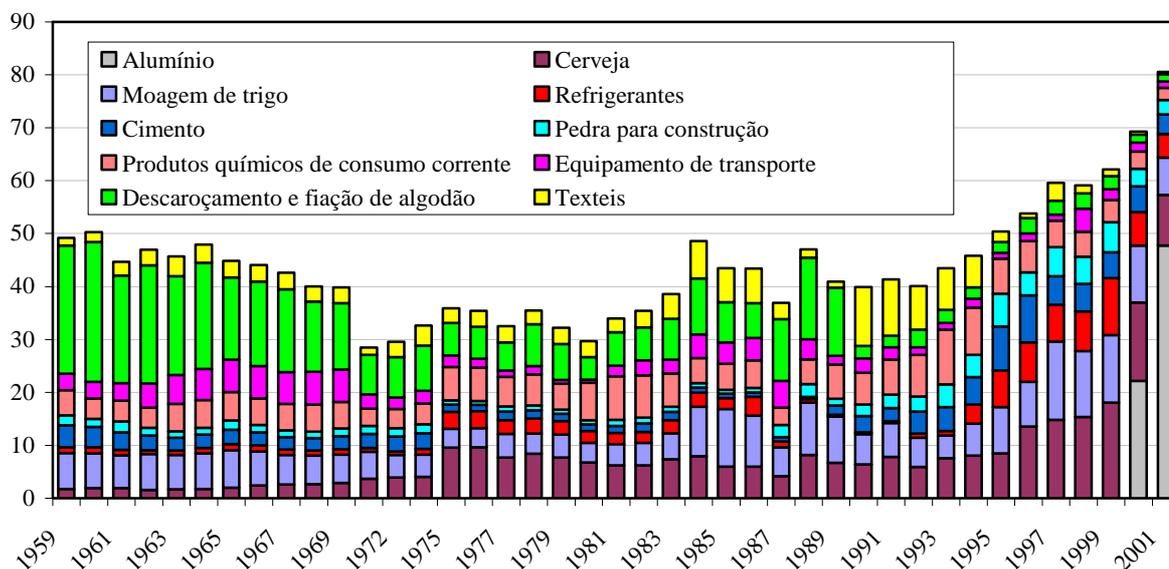
Segundo, o gráfico 4 também mostra que a estrutura do produto industrial não se alterou substancialmente nas últimas quatro décadas e meia. Esta hipótese é claramente confirmada pelo gráfico 5, que demonstra que nos últimos 43 anos o grau de concentração da produção industrial aumentou. O peso dos dez principais produtos industriais na produção industrial total passou de 50% em 1959 para 80% em 2001. No mesmo período, houve algumas indústrias importantes que desapareceram, como a do processamento da castanha de caju, mas o alumínio (48% do produto industrial em 2001) é o único produto novo com grande peso na produção total que foi introduzido nesta estrutura industrial.

Gráfico 4: Moçambique: Estrutura sectorial da produção da indústria transformadora (em %)



Fonte: Castel-Branco 2002a; INE vários números.

Gráfico 5: Moçambique: principais produtos da indústria transformadora e seu peso na produção total (em %)



Fonte: Castel-Branco 2002a; INE vários números.

Terceiro, os principais produtos da indústria são essencialmente primários ou de simples processamento, geralmente não geradores de novas dinâmicas económicas e tecnológicas. Isto significa que a indústria nacional, com raras exceções, nem sequer está a adquirir novas capacidades nas áreas mais tradicionais, já para não mencionar a criação de capacidades para tirar proveito da chamada “nova revolução industrial”.

Quarto, a um nível mais desagregado, as tendências de excessiva concentração e estagnação da estrutura e dinâmicas da produção industrial reproduzem-se a nível sectorial quando a análise é feita a quatro dígitos. Por exemplo:

- o descaroçamento de algodão representa mais de 75% da produção do sector têxtil e de vestuário;
- cinco produtos tradicionais (os mais importantes dos quais são, por ordem, a cerveja e as moagens de cereais) representam dois terços da produção da indústria alimentar e de bebidas;
- cimento e pedra representam mais de 80% do produto da indústria de materiais de construção;
- alumínio representa 99% da produção metalúrgica (esta indústria passou de ser a mais pequena para ser a maior de todo o sector industrial quando a Mozal entrou em funcionamento);
- produtos de consumo corrente representam mais de 60% da produção química, enquanto que o peso de químicos industriais (concentrados em gases de uso industrial) na produção está a diminuir;
- na indústria metal-mecânica, a produção de maquinaria é muito pequena. Equipamento de transporte representa quase 80% desta indústria, mas é limitado a reparações de vários tipos (em especial de linhas férreas) e

montagem de carroçarias. Mais de 70% do equipamento eléctrico são baterias e acumuladores. A produção de equipamento não-eléctrico regrediu para os níveis relativos de 1959.

Algumas teorias enfatizam que a concentração industrial se deve à especialização motivada pelas vantagens comparativas da economia, pelo que é positivo que aconteça. Estas teorias estão geralmente em conflito com a evidência, a qual é marcada pela falta de competitividade tecnológica, baixa produtividade e incapacidade de mudar o tecido industrial e industrializar a economia. A própria teoria das vantagens comparativas, se for desejo usá-la, prevê mudanças na estrutura da produção em função da mudança da intensidade com os factores são usados na economia – esta previsão não se está a concretizar mesmo que a análise seja feita para um período longo de 43 anos.

Portanto, o facto de que a estrutura da produção não evoluiu significativamente nas últimas quatro décadas deve ser um ponto central de preocupação. Este facto demonstra que a indústria nacional tem pelo menos meio século de atraso (se olharmos para as últimas décadas) ou mais (se considerarmos que há meio século atrás a indústria nacional já era atrasada).

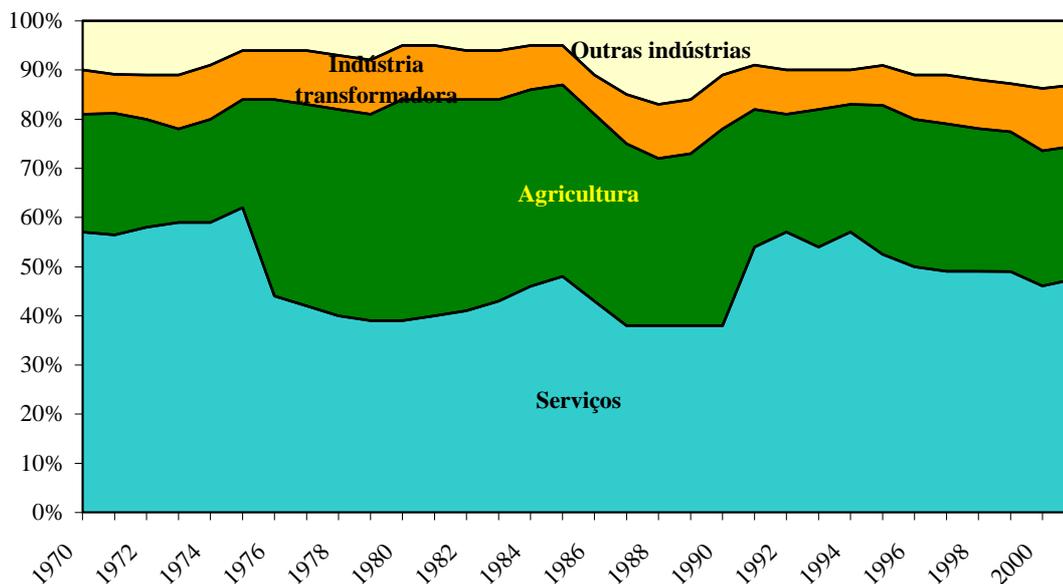
Mais importante, é que não há indicações substanciais de que novas dinâmicas e novas capacidades estão sendo criadas no sentido da diversificação e do alargamento da base de desenvolvimento. Fora das dinâmicas dos mega projectos (muito localizadas e especializadas e com poucas ligações económicas), pouco mais há que indique sinais de mudança e de transformação.

Determinantes do crescimento

A análise dos gráficos 5, 6 e 7 dá uma ideia aproximada das determinantes do crescimento da economia e da indústria. Por um lado, o comportamento do PIB de Moçambique segue muito de perto o que acontece com serviços, em especial comércio, finanças e transportes. Comércio é predominantemente urbano e ainda tem muito pouco peso na promoção de ligações entre actividades e sectores económicos. Finanças tem muito pouco impacto na ampliação e modernização da base produtiva. Transportes e comunicações estão concentrados em mega projectos – por mais importantes que sejam, o seu impacto na ampliação, diversificação e modernização base produtiva é limitado. Portanto, as actuais dinâmicas de crescimento não são necessariamente geradoras de mais riqueza, sustentáveis e capazes de acelerar a transformação e modernização de uma base produtiva alargada e diversificada.

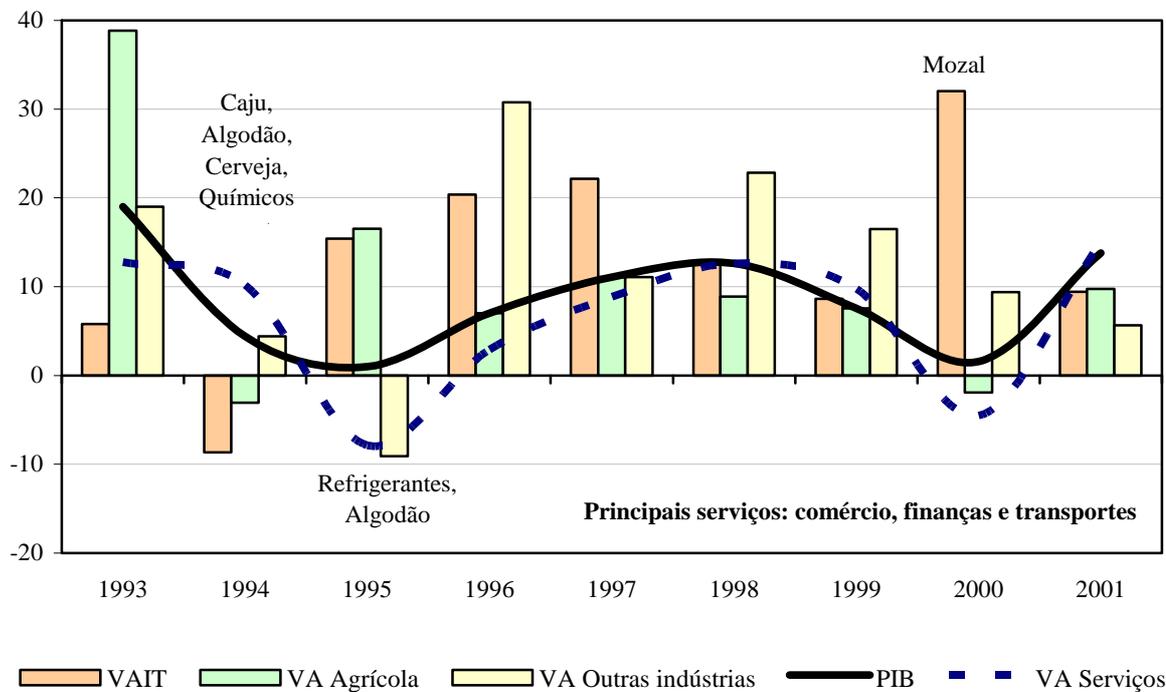
O gráfico 6 mostra que a estrutura do PIB de Moçambique não se alterou substancialmente nas últimas três décadas. É, no entanto, possível observar um aumento do peso relativo de “outras indústrias” nos últimos 10 anos. Isto é fundamentalmente o resultado de construção (reabilitação pós-guerra, estradas e mega projectos) e recursos minerais (mega projectos de areias pesadas e outros). Em nenhum caso, estes desenvolvimentos alteram os problemas estruturais da economia e da base produtiva já mencionados.

Gráfico 6: Moçambique: Composição sectorial do PIB (em %)



Fonte: Castel-Branco 2002a; INE vários.

Gráfico 7: Moçambique: Crescimento do PIB, sua relação com serviços e outros determinantes pontuais de crescimento (em %)



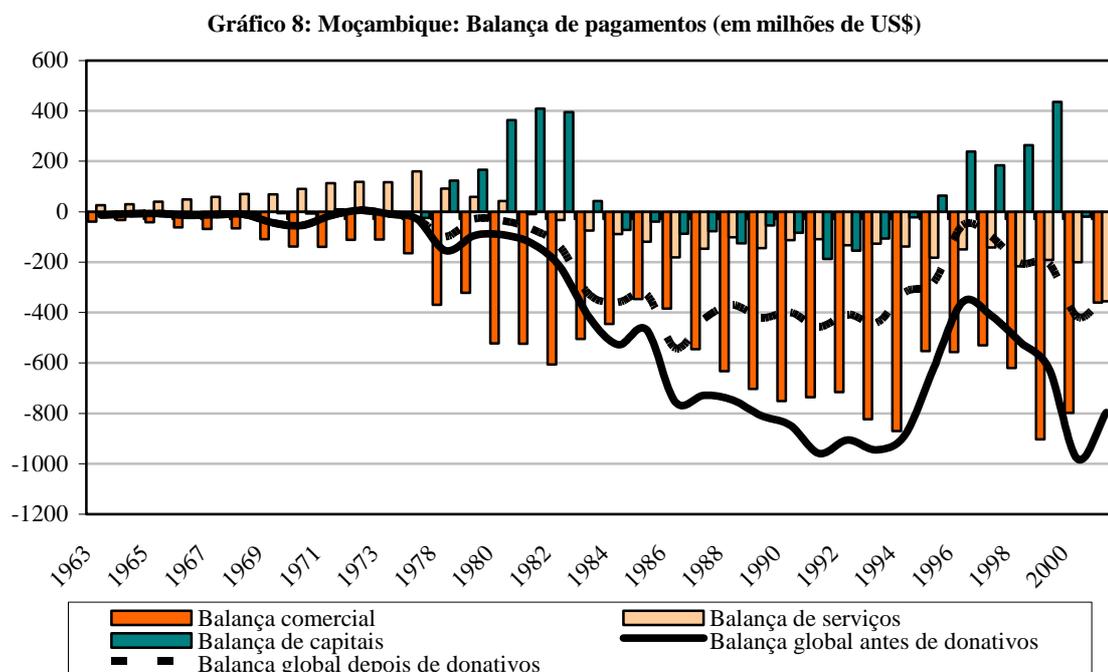
Fonte: Castel-Branco 2002a; INE vários números.

O gráfico 7 mostra que as tendências do crescimento do PIB e serviços na última década foram muito semelhantes. Apenas num ano, 1994, as tendências divergiram – esta divergência foi causada pelo início da crise do caju e do algodão, e pela grande quebra na produção de cerveja e químicos de consumo corrente. Por isso, a taxa de crescimento do PIB contraiu muito mais acentuadamente do que a dos serviços. Em 1995 e 2000, a taxa de crescimento do PIB não contraiu tanto como a dos serviços (embora a tendência fosse a mesma) por causa do crescimento registado no algodão, refrigerantes e cimento (1995), e do início da exploração da Mozal (2000).

Em resumo, o crescimento que se tem registado na economia é muito limitado, não é gerador de novas capacidades tecnológicas nem promotor de uma base ampliada e diversificada de produção. Sobretudo, este crescimento é contínuo apenas em alguns sectores, e na maioria dos outros é ocasional, momentâneo ou nem existe.

ESTABILIDADE

A estabilidade da economia nacional tem sido medida essencialmente pela taxa de inflação e pela taxa de câmbio. Estes indicadores são, no entanto, apenas o reflexo monetário de problemas de estrutura mais geral da economia e/ou do funcionamento do sistema financeiro. Do ponto de vista da produção, é mais importante tentar verificar como é que as dinâmicas de produção e estabilidade se relacionam. Uma das formas de o fazer é analisar a relação dinâmica entre a estrutura da produção e a balança de pagamentos.



Fonte: Castel-Branco 2002a e b; INE vários números.

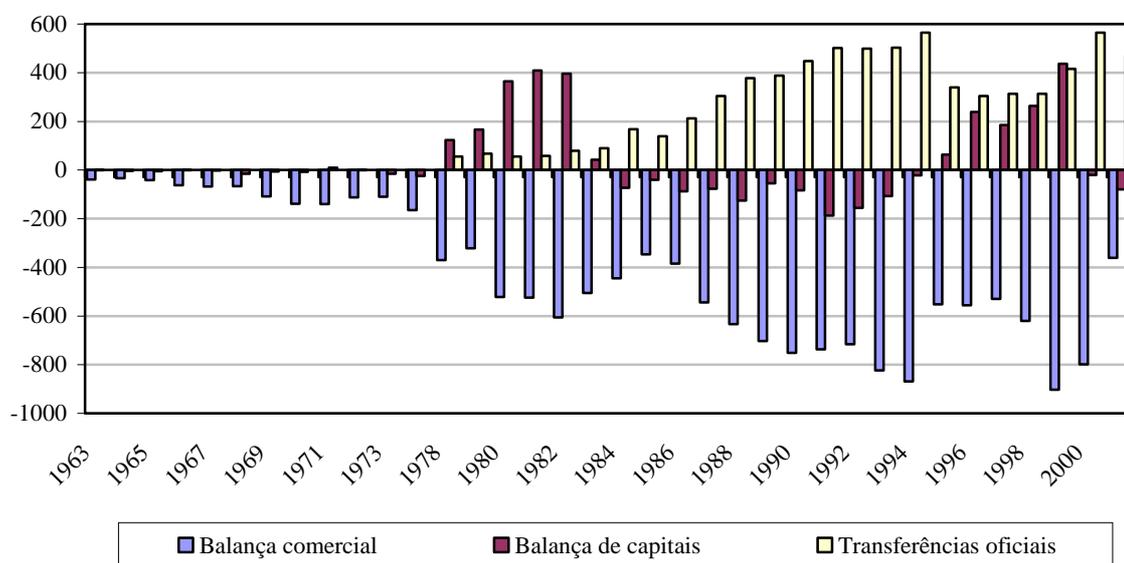
O gráfico 8 mostra vários aspectos importantes para começar a explorar a relação entre estabilidade externa e estrutura produtiva da economia de Moçambique. Para este efeito, os pontos principais do gráfico são: o enorme défice comercial, o aumento do défice de serviços, e a relação entre a balança de capitais e a balança comercial..

O défice comercial é simples: a economia importa muito mais do que exporta. Este ponto será explorado mais tarde. É importante notar que em 2000 e 2001 o défice comercial contraiu rapidamente (exportações da Mozal), depois de uma grande expansão em 1999 (importações para a Mozal).

O aumento do défice de serviços chama a atenção para o peso dos juros, serviços de investimento e transferências privadas, todos associados com fluxos de capitais externos. Portanto, o capital externo tem um custo óbvio. Este custo é também identificável no aumento do défice da balança de capitais, apesar dos fluxos de investimento directo estrangeiro (IDE), por causa do custo de capitais de médio prazo (provavelmente multilaterais).

Como é observável, o défice da balança global é muito próximo do défice comercial nos últimos 20 anos, mas em 2001 o défice global é mais do que duas vezes maior que o comercial. Portanto, embora fluxos de IDE para mega projectos possam ter um impacto forte na redução do défice comercial, o seu impacto na balança global é mais complexo dependendo de quanto é que esse capital custa à economia nacional.

Gráfico 9: Moçambique: Balança comercial, balança de capitais e transferências oficiais
(em milhões de US\$)

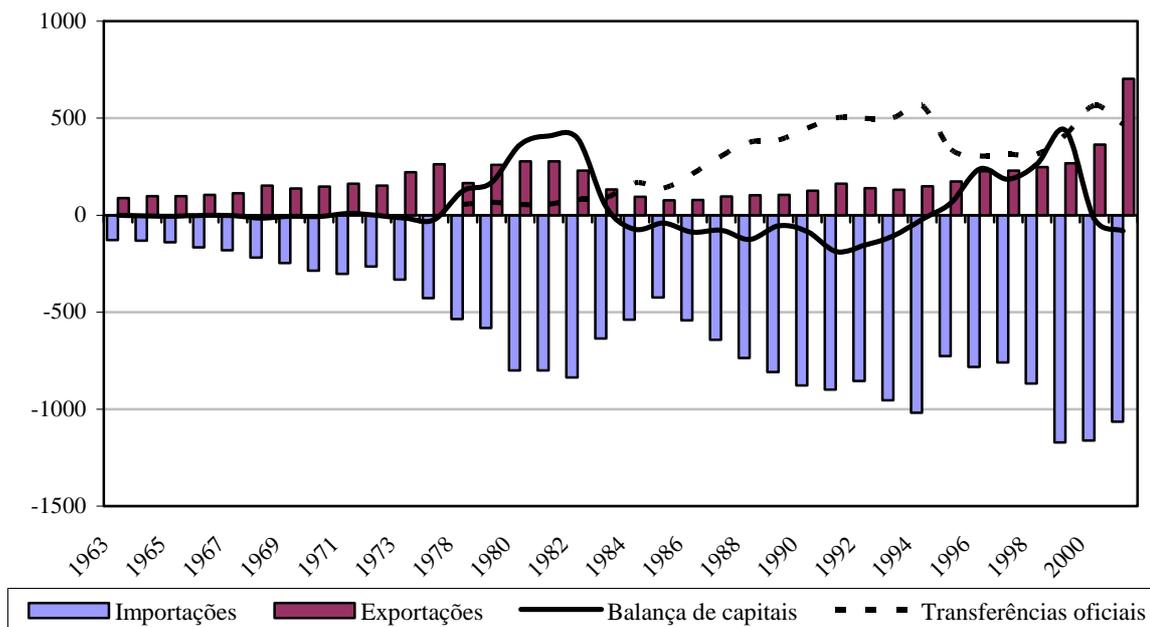


Fonte: Castel-Branco 2002a e b; INE vários números.

Em conjunto, os gráficos 8 e 9 indicam que em regra o défice comercial aumenta quando a balança de capitais fica positiva ou as transferências oficiais aumentam. O gráfico 10 explora este assunto, mostrando que as importações aumentam com o aumento de fluxos de capitais externos, mas as exportações são muito menos elásticas

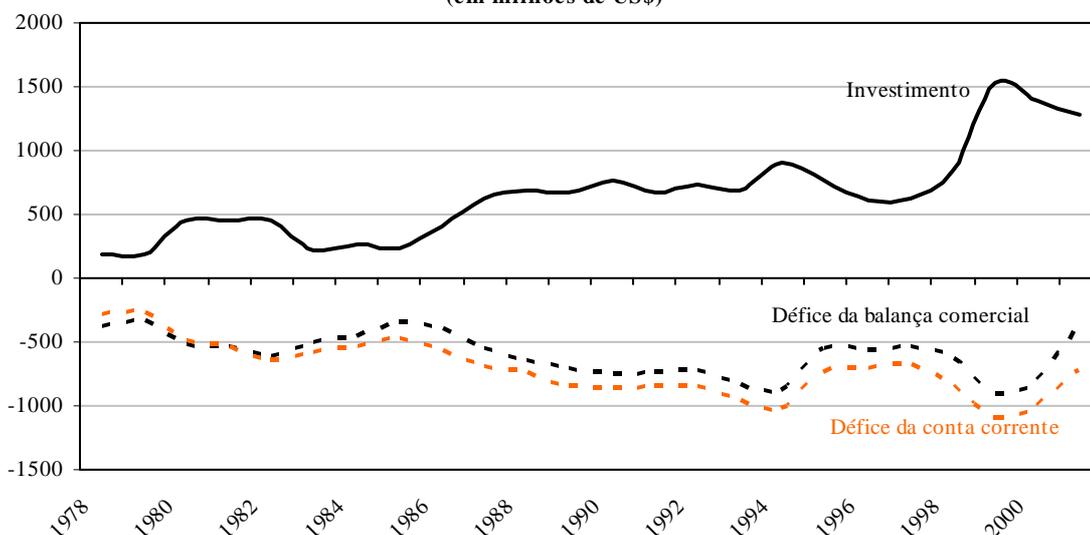
em relação ao fluxos de capitais externos (o impacto da Mozal, em 2000 e 2001, começou a alterar esta situação). O gráfico 11 é ainda mais preciso, e mostra quão próximas as tendências do investimento e do défice comercial (e corrente) são. Quer dizer, os fluxos de capitais externos alimentam investimento, o qual é muito dependente de importações mas tem pouco impacto nas exportações. Isto é confirmado no gráfico 12. Por que é que isto acontece?

Gráfico 10: Moçambique: Importações, exportações, transferências oficiais e balança de capitais (em milhões de US\$)



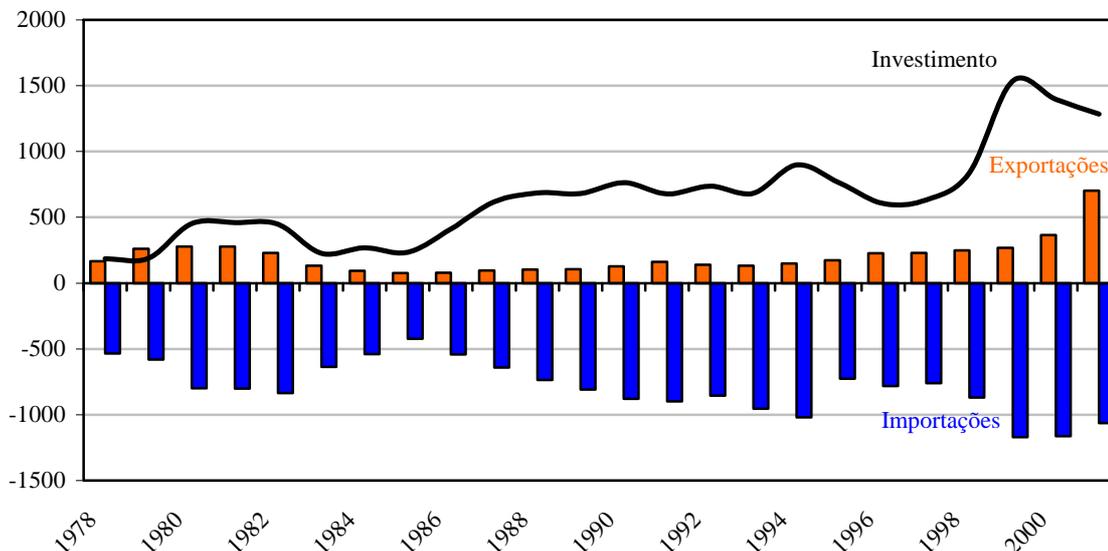
Fonte: Castel-Branco 2002a e b; INE vários números.

Gráfico 11: Moçambique: Investimento, balança comercial e conta corrente (em milhões de US\$)



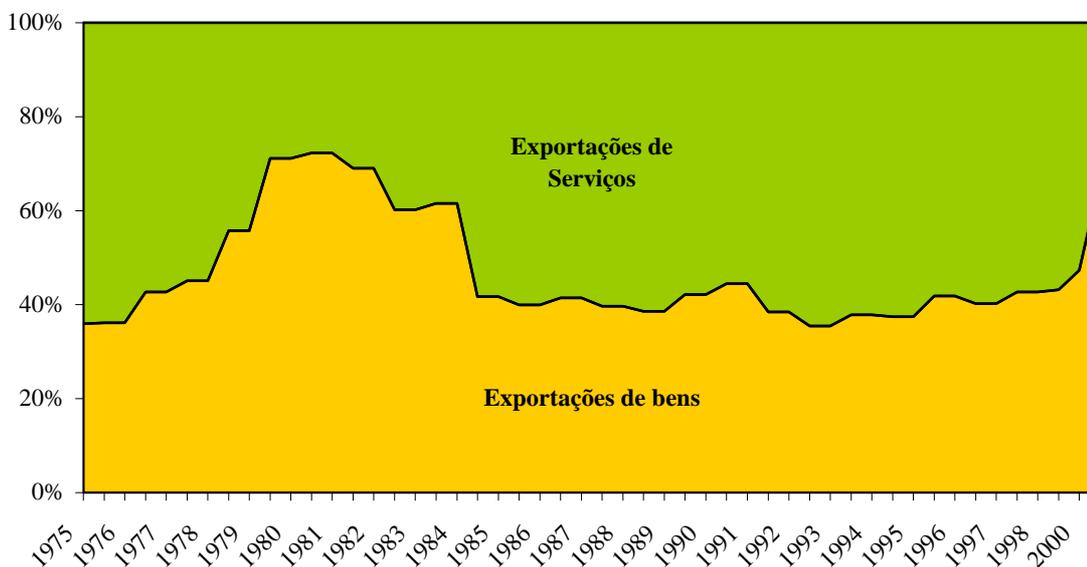
Fonte: Castel-Branco 2002 a e b; INE vários números.

Gráfico 12: Moçambique: Investimento, Importações e Exportações
(em milhões de US\$)



Fonte: Castel-Branco 2002a e b; INE vários números.

Gráfico 13: Moçambique: Estrutura global das exportações (em %)

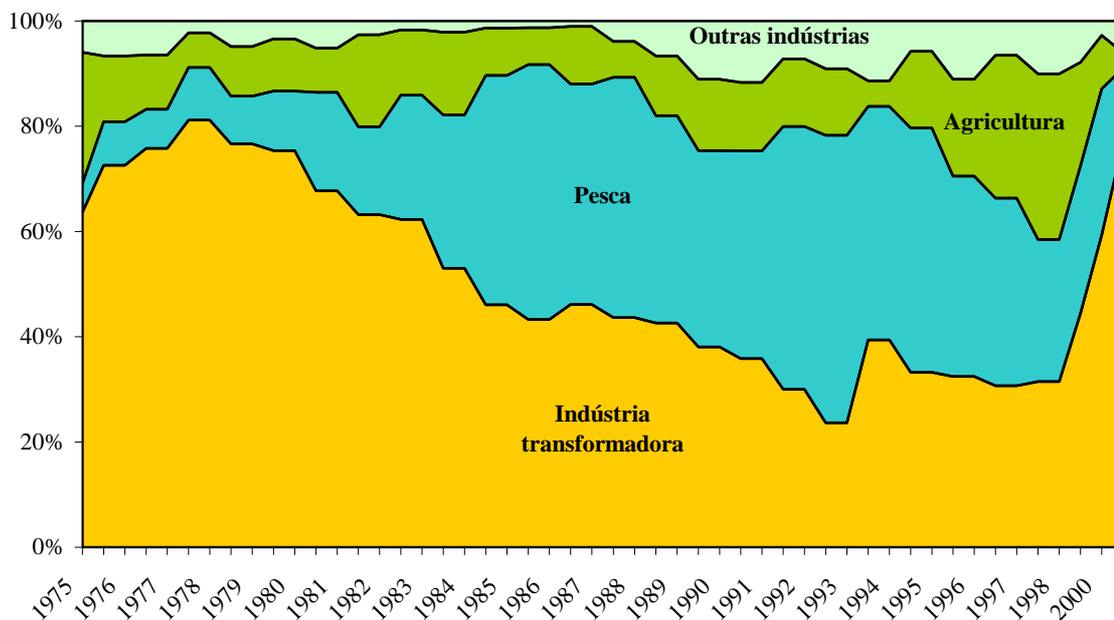


Fonte: Castel-Branco 2002a e b; INE vários números.

Os gráficos 13 a 15 mostram por que é que as exportações são pouco sensíveis em relação ao investimento: a sua estrutura não se alterou substancialmente nas últimas três décadas, e elas são focadas num leque limitado de produtos primários ou produções básicas para mercados em que as elasticidades da procura relativamente ao

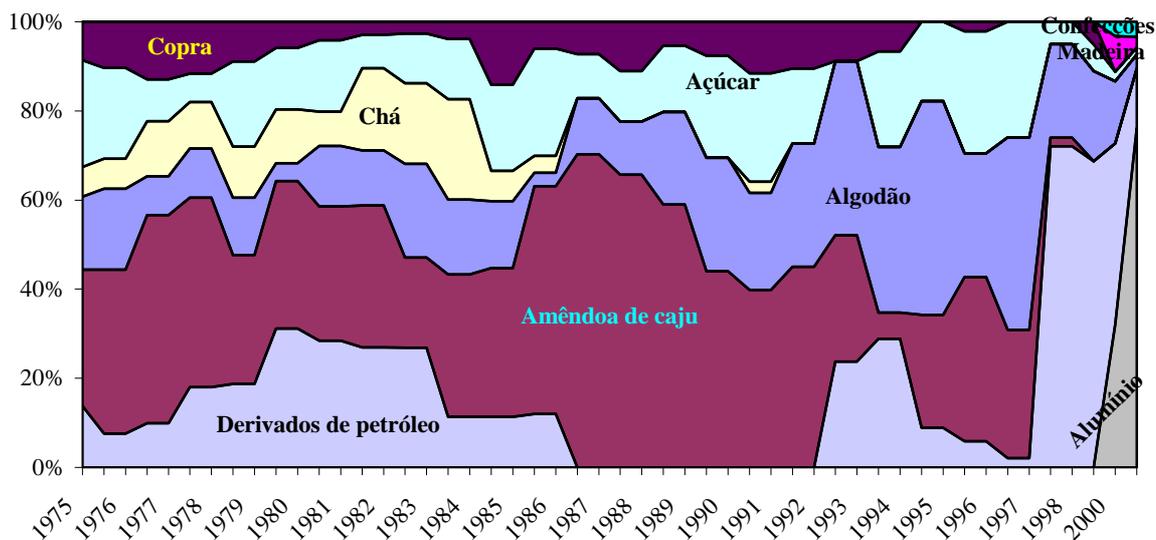
rendimento e ao preço são baixas. Quer dizer, estes mercados não expandem rapidamente, e aumentos rápidos de produção fazem baixar os preços muito significativamente.

Gráfico 14: Moçambique: Estrutura das exportações de bens (em %)



Fonte: Castel-Branco 2002a e b; INE vários números.

Gráfico 15: Moçambique: Estrutura das exportações da indústria transformadora (em %)



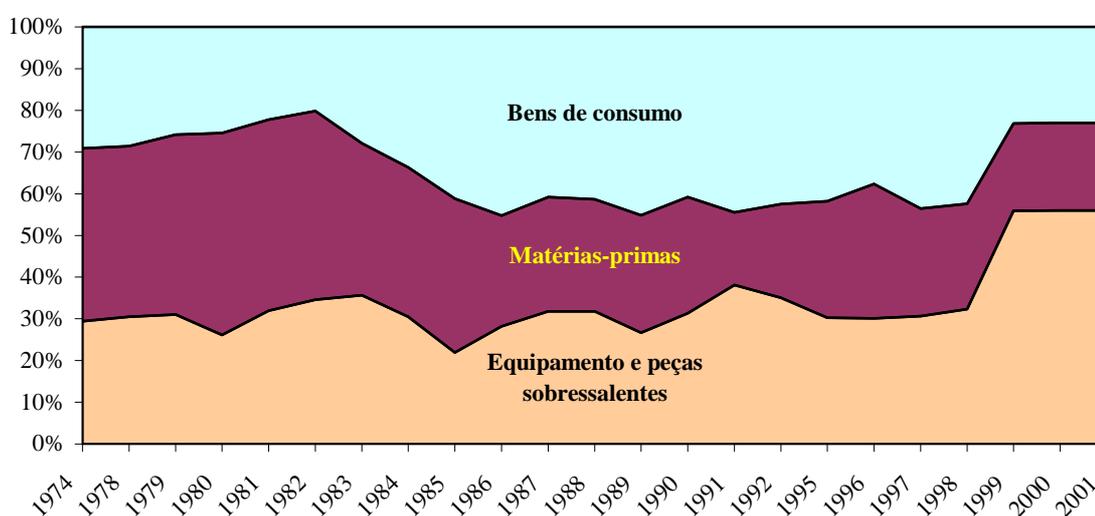
Fonte: Castel-Branco 2002a e b; INE vários números.

Os gráficos 13 e 14 mostram que os rápidos crescimentos das exportações são determinados pelas exportações industriais. O primeiro súbito aumento (1977-1982) foi determinado pelo aumento dos preços internacionais do petróleo e do seu impacto nas receitas das exportações de derivados de petróleo. O segundo súbito aumento (2000-2001) foi causado pelas exportações da Mozal. Esta análise é confirmada pelo gráfico 15.

O gráfico 15 dá uma clara indicação da fraca e limitada base de exportação da indústria, a qual está ficando mais concentrada e mais limitada. Em 2001, por exemplo, mais de três quartos das exportações industriais são alumínio. Para além de que uma tal estrutura produtiva e de exportação é pouco flexível e pouco elástica relativamente ao investimento, também limita os ganhos do crescimento económico, restringe o desenvolvimento das capacidades tecnológicas e torna a economia muito vulnerável a choques externos.

O gráfico 16 mostra que cada vez que o investimento na economia aumenta muito substancialmente (períodos 1979-82 e 1999-2001), a estrutura das importações altera-se muito acentuadamente. Em ambos os períodos mencionados, a importação de bens de investimento (equipamento e peças sobressalentes e matérias-primas) chegou a atingir 80% das importações totais. Isto demonstra quão dependente de importações a base produtiva nacional é.

Gráfico 16: Moçambique: Estrutura das importações de bens (em %)



Fonte: Castel-Branco 2002a e b; INE vários números.

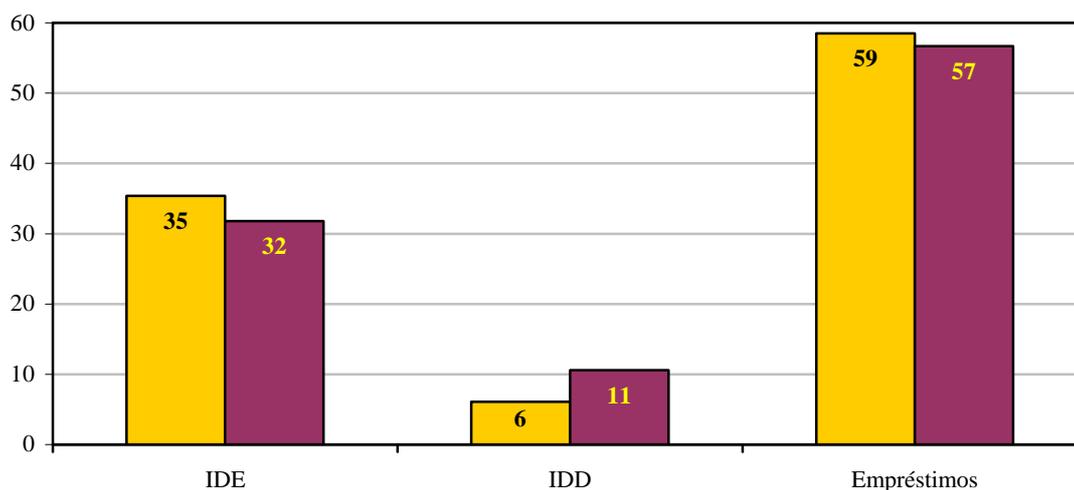
Em resumo, o que esta análise indica é que cada vez que a economia e o investimento expandem, a balança de pagamentos entra em crise. Isto é, a instabilidade da economia é estrutural. Esta crise resulta da baixa elasticidade das exportações e da alta elasticidade das importações relativamente ao investimento, o que é indicador da fraqueza das ligações inter- e intra-sectoriais, debilidade da base de exportação e das

limitações estruturais da base produtiva do país e das empresas. Aparentemente, mega projectos podem ajudar a resolver este problema aumentando as exportações. Mas esta solução é mais aparente do que real. Por uma lado, o impacto dos mega projectos na balança global é complexo, dependendo não só do seu contributo líquido para a balança comercial mas também do seu impacto, em termos de custo, nas balanças de serviços e de capitais. Por outro lado, a excessiva concentração das exportações num punhado de produtos limita as oportunidades e ganhos com o crescimento, e cria enormes vulnerabilidades na economia.

INVESTIMENTO PRIVADO

O investimento privado aumentou significativamente, embora seja muito instável. Esta instabilidade resulta do facto de que o investimento é concentrado num punhado de grandes projectos, os quais, obviamente, não fazem os mesmos montantes de investimento todos os anos. Se o investimento fosse feito em menor escala mas numa base mais ampliada e diversificada, os fluxos agregados não seriam tão instáveis. A análise que se segue é baseada em intenções de investimento aprovadas no período 1990-2002. Nem todas foram ou serão implementadas, mas é ainda muito difícil fazer uma avaliação directa de cada projecto de investimento num prazo de tempo curto. Apesar desta limitação da base de dados, as intenções de investimento privado pelo menos indicam o que é que o sector privado escolhe para fazer.

Gráfico 17: Moçambique: Estrutura percentual do investimento privado por fonte de financiamento (em %)

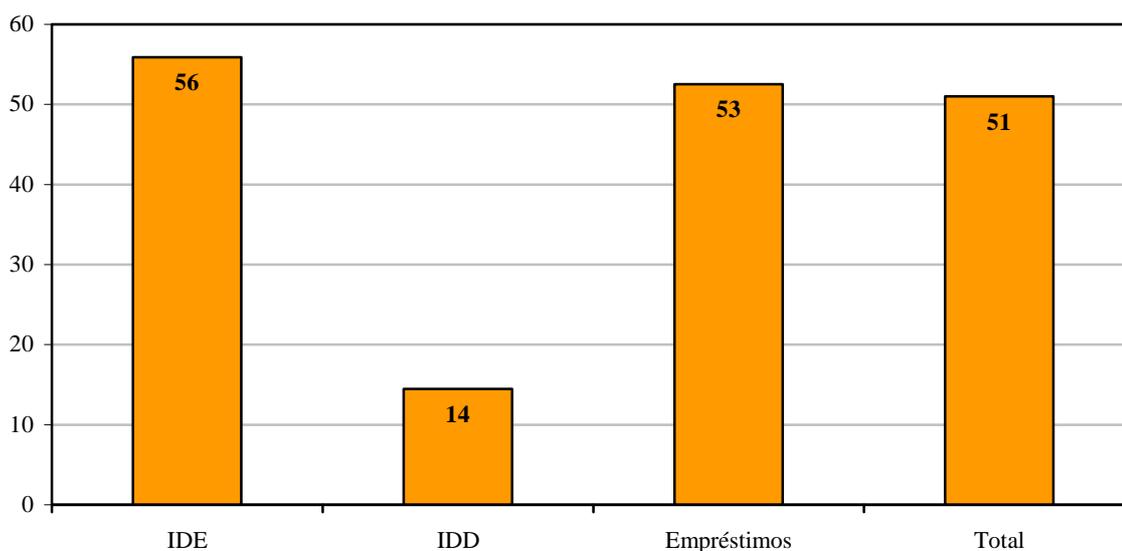


Fonte: Calculado a partir da base de dados do CPI.

O gráfico 17 mostra que o investimento directo privado doméstico (IDD) é inferior a 7% do investimento privado total. O investimento directo estrangeiro (IDE) é substancialmente mais importante. No entanto, o IDE está concentrado em mega

projectos, e mobiliza cerca de 85% dos restantes recursos (incluindo empréstimos e IDD) para os mega projectos (este ponto geral será confirmado mais tarde). Quando 6 indústrias (13 empresas) de concentração do IDE são retiradas, o peso do IDD duplica, e o do IDE e dos empréstimos cai ligeiramente. O gráfico 18 mostra que 6 indústrias (Mozal, Ferro e Aço, Areias Pesadas, Açúcar, Cerveja e Cimentos), totalizando 13 empresas, representam mais de metade da totalidade do investimento.

Gráfico 18: Percentagem de 6 indústrias (13 empresas) no investimento total e por fonte de financiamento (em %)



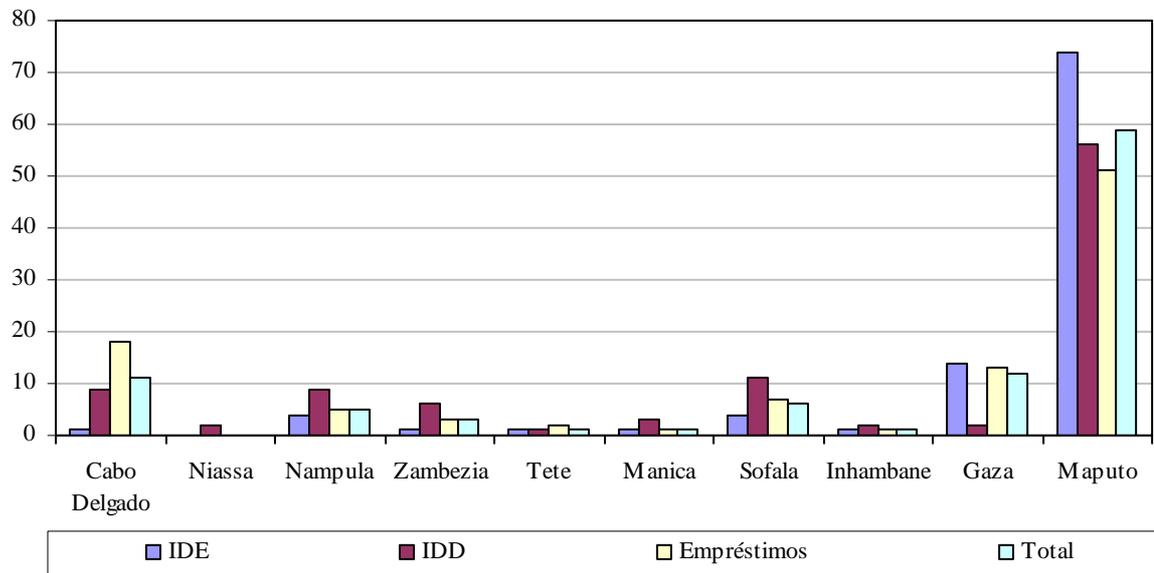
Fonte: Calculado a partir da base de dados do CPI.

O gráfico 19 mostra a concentração do investimento em Maputo, apesar de todas as medidas de incentivo fiscal para diversificar a localização do investimento. Estas medidas não parecem estar a surtir efeitos. Além da concentração inter-regional facilmente observável, dentro de cada região o investimento é altamente concentrado em alguns projectos – por exemplo, Pemba Bay tourist resort; areias pesadas de Moma; açúcar na Zambézia e Sofala; areias pesadas de Chibuto; Mozal. Em cada um destes casos, o investimento nesses projectos representa entre 75% e 90% do investimento na província. Esta concentração inter- e intra-regional é não só o resultado de diferenças nas condições económicas em cada região, mas também das diferenças em termos das dinâmicas do capital na região da África Austral e das estratégias corporativas.

O gráfico 20 mostra outra imagem da concentração regional do investimento, nomeadamente a proporção do investimento nacional por sector que é efectuado em Maputo. Particularmente alarmante é o facto de que o investimento nos transportes e comunicações, banca, construção e indústria é tão concentrado em Maputo. Isto é um indicador de que o potencial de desenvolvimento e de concretização de ligações económicas nas restantes partes do país é muito fraco e está ficando relativamente mais fraco. Outro aspecto interessante que ressalta deste gráfico é que o investimento

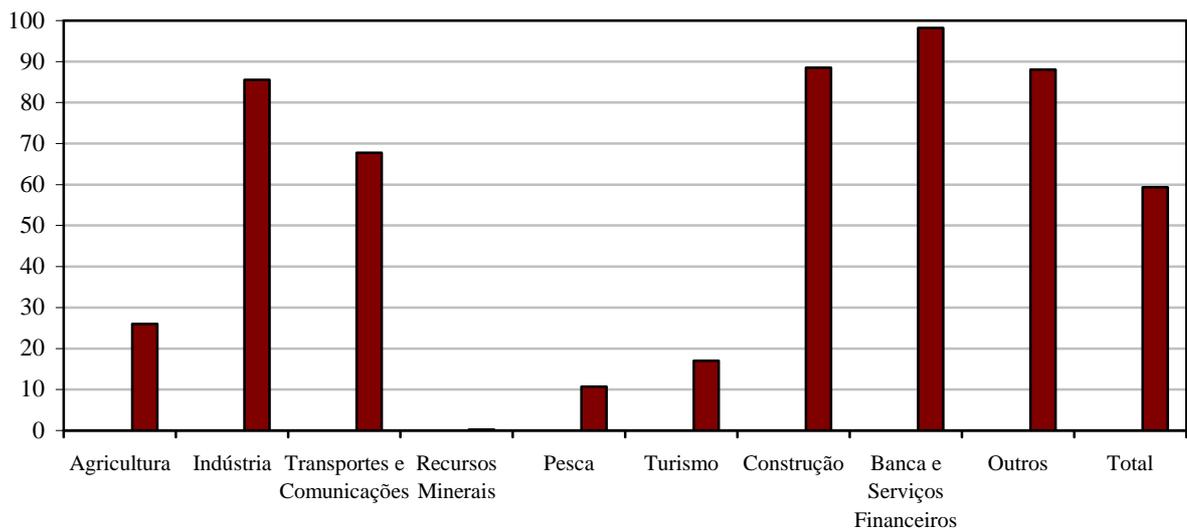
em recursos minerais é insignificante em Maputo; este dado, combinado com o facto de que Maputo absorve 60% do investimento total e 75% do IDE, mostra que recursos minerais não são ainda um determinante principal do investimento.

Gráfico 19: Moçambique: Distribuição do investimento privado por província e por fonte de financiamento (em % sobre o total nacional por fonte)



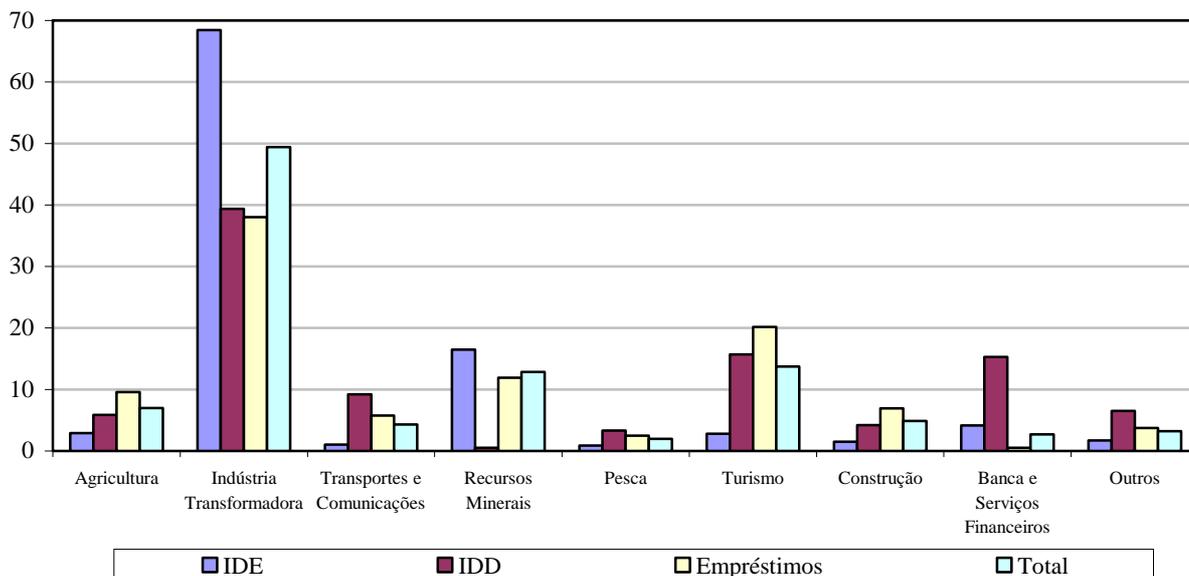
Fonte: Calculado com base na base de dados do CPI e do Banco de Moçambique.

Gráfico 20: Moçambique: Grau de concentração do investimento privado por sector em Maputo (em % do total nacional por sector)



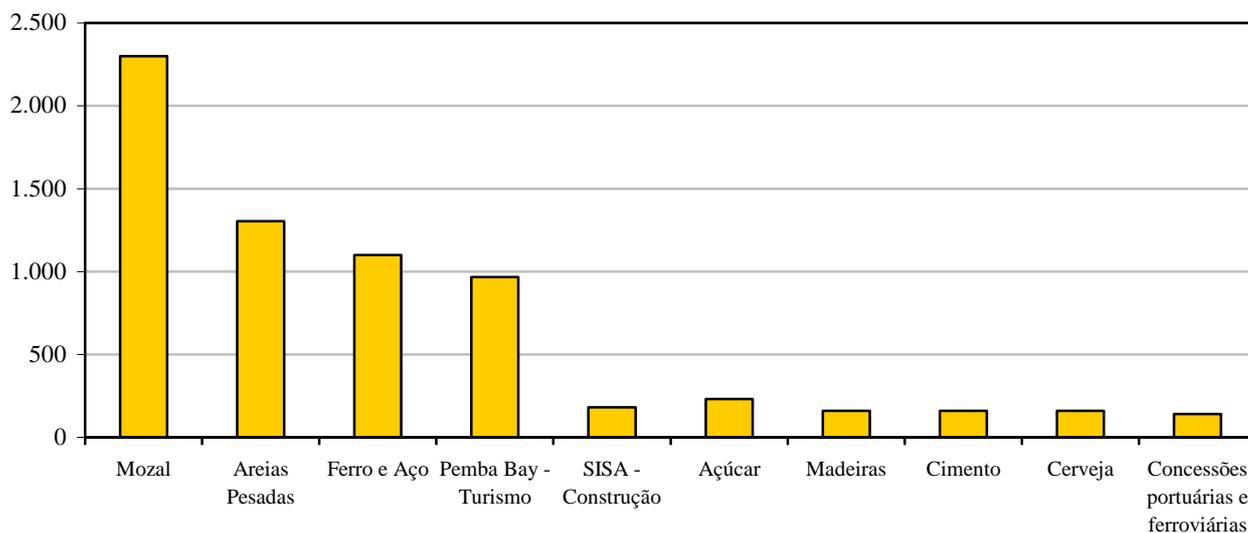
Fonte: calculado a partir da base de dados do CPI e do Banco de Moçambique.

Gráfico 21: Moçambique: Distribuição sectorial do investimento, por fonte de financiamento (em % to total nacional por fonte)



Fonte: Calculado a partir da base de dados do CPI e do Banco de Moçambique.

Gráfico 22: Moçambique - 10 maiores projectos que absorvem dois terços do investimento total aprovado entre 1990 e 2002 (em milhões de US\$)



Fonte: Calculado a partir da base de dados do CPI e do Banco de Moçambique.

Os gráficos 21 e 22 mostram a alocação sectorial do investimento. O gráfico 21 indica que o peso dos mega projectos industriais (quase 70% do IDE e 50% do investimento total) e de recursos minerais (18% do IDE e 12% do investimento total) é de tal ordem que estes dois sectores absorvem quase 90% do IDE e mais de 60% do investimento total. O gráfico 22 ilustra os 10 projectos que no total absorvem dois terços da totalidade do investimento aprovado entre 1990 e 2002.

A alocação sectorial do investimento indica que este está altamente concentrado em projectos de grande e mega dimensão. Ora, estes projectos tendem a ser determinados por estratégias corporativas à escala regional ou internacional, em vez de apenas pela busca de vantagens comparativas estáticas de curto prazo ou incentivos fiscais ou de outra natureza. As decisões de investir massivamente em alumínio, gás natural, areias pesadas, cervejas e açúcar devem ser analisadas do ponto de vista das estratégias de globalização do complexo mineral-energético sul-africano e da competição oligopolista nos outros sectores.

Dos 10 mega projectos em Moçambique, 7 estão directamente relacionados com o complexo mineral-energético (MEC) sul-africano, e os restantes 3 estão relacionados indirectamente com o MEC (quadro 1). Estes últimos 3 projectos são de infra-estruturas vitais para o MEC, mas também para outras actividades económicas. No caso do parque industrial de Beloluane (BIP), o projecto ancora é a Mozal, que é parte do MEC.

Quadro 1: Identificação e caracterização dos principais mega projectos em Moçambique

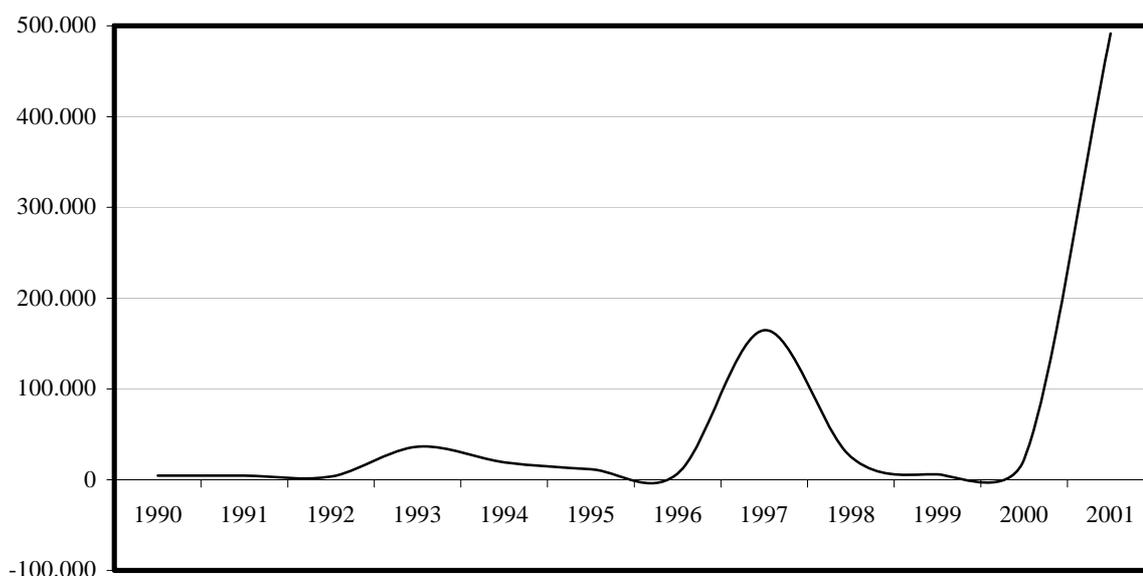
Projecto	Investidor(es)	Custo (milhões de US\$)	Novos Empregos (em operação)	Localização
Mozal 1+2 - Alumínio	Billiton, Mitsubishi, IDC	2,300	1,500	Beloluane (Maputo)
Motraco - Electricidade	ESKOM, EDM, SEB	131	Nd	Beloluane (Maputo)
Gás natural e pipeline Temane-Secunda	SASOL	1,500	700	Pande e ao longo do pipeline (Inhambane, Gaza e Maputo)
Areias Pesadas	Southern Mining Corporation, Corridor Sands e IDC (SA) e WMC (Austrália)	1,400	Nd	Chibuto (Gaza)
Areias Pesadas	Kenmare Resources (Irlanda)	200	250	Moma (Nampula)
Ferro e Aço	---	1,100	500	Molotana (Maputo)
Complexo Petroquímico	SASOL	1,800	Nd	Beira (Sofala)
Parque Industrial	Chifton e GoM	500	Nd	Beloluane (Maputo)
Linha Férrea do Sena	CFM	315	Nd	Tete e Sofala
Porto de Dobela	CFM	515	Nd	Matutuine (Maputo)

Fonte: CPI.

Os 7 projectos do MEC representam investimentos de 8,431 milhões de US\$, isto é, mais do que 2 vezes o tamanho actual da economia de Moçambique, e cerca de 75% de todo o investimento aprovado e em pipeline em Moçambique entre 1990 e 2002. O complexo petroquímico da Beira ainda não está aprovado e apenas existe como projecto. Se este projecto for excluído, a percentagem do MEC no investimento total aprovado baixa apenas ligeiramente, para 69%.

Investidores sul-africanos estão envolvidos em 320 dos 1.744 projectos aprovados em Moçambique entre 1 de Janeiro de 1990 e 28 de Fevereiro de 2003. A importância económica do investimento sul-africano é muito maior que o seu peso (18%) no número total de projectos. O investimento sul-africano representa 35% dos fluxos de IDE para Moçambique, e os projectos em que o IDE sul-africano está envolvido representam 85% do IDE, 35% do IDD e 75% do investimento total aprovado para Moçambique. Os quadros 23 e 24 fazem esta comparação.

Gráfico 23: Moçambique - influxos de IDE da África do Sul (milhares de US\$)

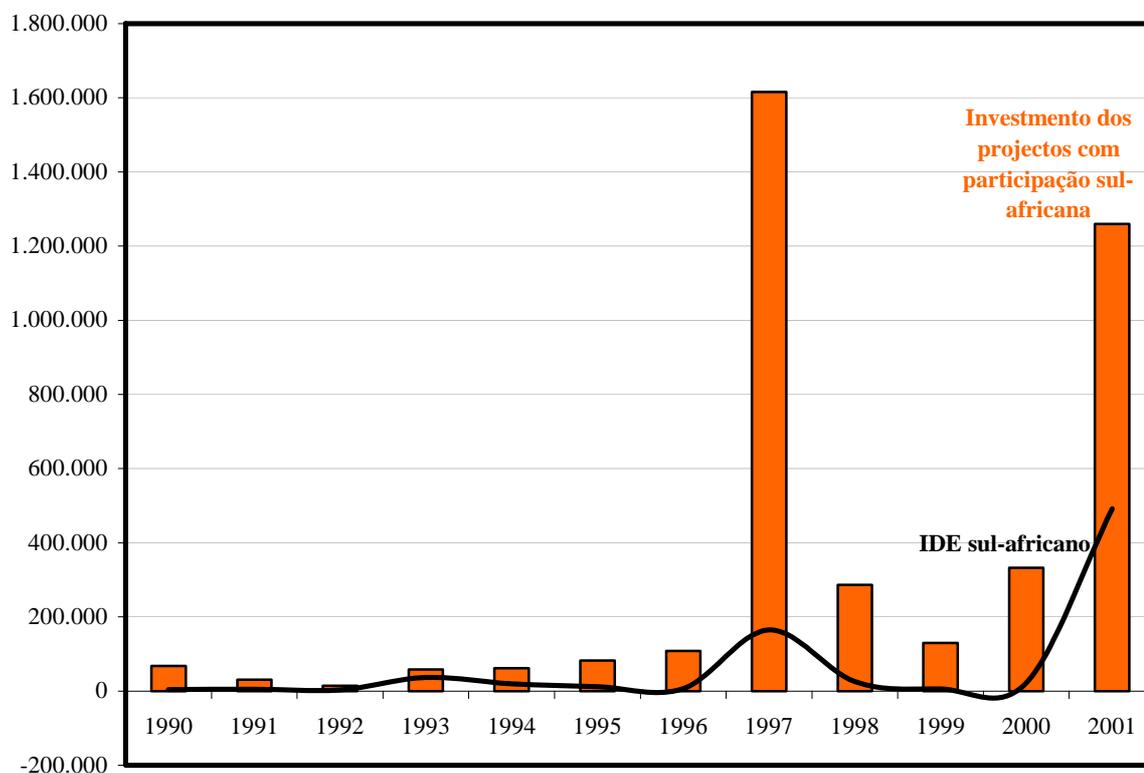


Fonte: Calculado a partir da base de dados do CPI e do Banco de Moçambique.

O investimento sul-africano está concentrado em torno dos maiores projectos alguma vez projectados para Moçambique: Mozal 1 and 2 (500,000 ton of alumínio por ano, custom total de 2,4 biliões de US\$); Pipeline Temane-Secunda (gás de Pande), US\$ 1 bilião; Areias pesadas do Limpopo e Moma, US\$ 1,6 biliões; Projecto de Ferro e Aço de Maputo (em dificuldades depois do abandono da IDC e colapso da Enron), US\$ 1,1 biliões; Complexo Petroquímico da Beira, US\$ 1,8 biliões; Corredor de Maputo (infra-estructuras), US\$ 1 bilião; Motraco (central eléctrica da Mozal), US\$ 140 milhões. Além destes mega projectos, investimento sul-africano controla o açúcar (3 das 4 açucareiras), cerveja (3 das 4 cervejeiras), refrigerantes (todas as principais fábricas de enchimento), grandes moageira e a maior parte das facilidades turísticas.

Também estão a penetrar em alguns projectos agro-industriais, como plantações de café, mandioca e processamento de caju.

Gráfico 24: Moçambique - peso do IDE sul-africano versus peso dos projectos com participação sul-africana (milhares de US\$)



Fonte: Calculado a partir da base de dados do CPI e do Banco de Moçambique.

Portanto, o investimento sul-africano parece responder sobretudo a estratégias corporativas: expansão do MEC e estratégias regionais e internacionais de empresas em competição olipolista.

O impacto do tipo de investimento que a economia Moçambicana está a receber é misto. Por um lado, novas actividades desenvolvem-se, como a Mozal e o pipeline Temane-Secunda. Por outro lado, a economia está ficando adquirindo contornos mais limitados e menos diversificados, com menos oportunidades para desenvolver ligações, emprego e capacidades produtivas e tecnológicas de base alargada. O impacto dos mega projectos na balança comercial parece ser positivo, mas o seu impacto na balança global é misto e envolve também a avaliação do custo desses influxos de capital externo.

Em resumo, a análise breve dos padrões de intenções de investimento mostra que os padrões básicos de produção, criticamente discutidos nesta apresentação, tendem a ser consolidados. Medidas indirectas de incentivo não parecem ser eficientes para influenciar nem os fluxos, nem a alocação do investimento. Os padrões de intenções

de investimento estão a ser livremente determinados pelas estratégias corporativas estrangeiras, em especial regionais, e há muito pouca informação sistematizada sobre essas estratégias e como articulá-las com o resto da economia nacional, em especial para o combate à pobreza e desenvolvimento do empresariado, trabalhadores e capacidades nacionais.

ALGUMAS IDEIAS SOBRE DIRECÇÕES ESTRATÉGICAS

Os problemas discutidos não podem ser abordados nem resolvidos isolados uns dos outros: crescimento, estabilidade e investimento estão relacionados e afectam-se dinamicamente.

Da análise feita, parece que é fundamental enfrentar as seguintes questões:

- como exportar mais e tornar as exportações muito substancialmente mais elásticas em relação ao investimento? Há algumas respostas óbvias a esta questão, nomeadamente: diversificar a base produtiva e de exportação; melhorar a produtividade e a qualidade; desenvolver serviços de apoio à produção e qualidade; desenvolver estratégias agressivas de penetração em mercados externos; estabelecer mecanismos financeiros agressivos de apoio à exportação; etc;
- como fortalecer as ligações económicas e produtivas internas e diminuir a elasticidade das importações relativamente ao investimento por via da substituição eficiente de importações? Esta questão também tem algumas respostas óbvias e muito semelhantes às da anterior. Além dessas respostas, a preocupação central tem que ser como articular investimento complementar e competitivo, e desenvolver a rede de infraestruturas e serviços que permitam a oportunidade para desenvolver ligações;
- que áreas e actividades priorizar? No futuro previsível, a base da estratégia de prioridades deve ser a exportação e o fortalecimento de ligações e articulações internas. As actividades a priorizar dependem da análise efectiva das oportunidades em diferentes mercados (mercados em que a elasticidade da procura relativamente ao preço e ao rendimento é alta; em que há espaço de penetração; cuja reestruturação está a criar oportunidades que não estejam demasiado longe das capacidades nacionais; etc.), das oportunidades de ligações e possibilidades de as concretizar;
- como articular mega projectos e dinâmicas externas de acumulação com a economia nacional e beneficiar das sinergias potenciais? A primeira tarefa parece ser compreender quais são essas dinâmicas, e para isso é necessário obter, analisar e usar informação sobre o que é que está a acontecer com o investimento na região. Esta informação permite a formulação e implementação de estratégias agressivas tanto por parte do estado, como por parte do empresariado e do trabalho, para maximizar os benefícios nacionais de fazer parte das dinâmicas regionais e internacionais de desenvolvimento;
- como ligar estas estratégias com o alívio da pobreza e redução da desigualdade em todas as esferas da vida social e económica? Gerar mais emprego, em condições de trabalho melhores, com mais alta produtividade e melhores

salários, com métodos de gestão e relações industriais mais modernas e inclusivos da força de trabalho, apostar mais na formação profissional e na alfabetização e educação dos trabalhadores e gestores, eis algumas das respostas possíveis e necessárias.

Estas perguntas e respostas não são exaustivas, mas contém alguns dos pontos centrais que devem ser tomados em consideração na formulação de políticas económicas e industriais que sejam relevantes e de facto efectivas para o desenvolvimento e industrialização da economia e eliminação da pobreza.

BIBLIOGRAFIA

- Banco de Moçambique. Relatórios anuais (vários números).
- Castel-Branco, CN. 2002a. An investigation into the political economy of industrial policy: the Mozambican case. Unpublished PhD thesis. Departamento de Economia do SOAS (Univ. de Londres): Londres.
- Castel-Branco, CN. 2002b. Economic linkages between South Africa and Mozambique. Research and discussion paper for DfID: Pretoria.
- Centro de Promoção de Investimento (CPI). 2003. Base de dados de projectos de investimento aprovados desde 1990.
- Fine, B and Z. Rustomjee. 1996. The political economy of South Africa: from minerals-energy to industrialization. Westview Press: Londres.
- Instituto Nacional de Estatística (INE). Várias edições do anuário estatístico desde 1965, e estatísticas da indústria e comércio externo.